

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série: “Mundo na sala de aula”, Segunda Temporada
Episódio 17 – Divã no meio da rua

Transcrição: Raissa Almeida (UnB) e Janaína Aleixo (Unicamp)
Revisão da transcrição: Soraya Fleischer (UnB)

Legendas:

Blocos

Sonoplastia

ABERTURA

Música de abertura: “Mudernage” da Ellen Oléria

Tá pelo mundo essa mudernage

Esse balanço roto pra fazer você suar

Tá pelo mundo essa mudernage

Esse balanço roto... roto

Tá pelo mundo essa mudernage

Esse balanço roto pra fazer você suar

Tá pelo mundo essa mudernage

Esse balanço roto... roto

Raissa: Olá, gente! Bem-vindos ao Mundo na Sala de Aula! Meu nome é Raissa Almeida, mas conhecida também como Rai! Sou aluna de Ciências Sociais da Universidade de Brasília!

Irene: Oi, oi! Eu sou a Irene, estudante de Antropologia na UnB também!

Raissa: Estou muito feliz de participar desse episódio da segunda temporada do Mundo na Sala de Aula! Entrei no projeto do Mundaréu em 2020, e estou bem animada de agora poder participar dessa série, e produzir esse episódio!

Irene: Também estou bem animada Rai! O Mundo na Sala de Aula é uma série produzida por nós, estudantes, e nessa segunda temporada vamos falar sobre alguns trabalhos de conclusão de curso das nossas colegas que recentemente terminaram a graduação de Antropologia.

Raissa: Isso mesmo! Para isso, nós convidamos antropólogos e antropólogas que defenderam suas monografias nos anos de 2020 e 2021, para nos contar um pouco. Eu sempre tive muita curiosidade sobre o processo de como é fazer um TCC, as implicações, se é muito difícil... E imagino que esse episódio possa ser muito legal pra quem é curioso a respeito e até quem ainda não sabe muito sobre

o próprio futuro TCC. Bem, os episódios dessa temporada irão tratar de TCCs da UnB e da Unicamp, já que o Mundaréu e o MUNSA são fruto de uma parceria entre estas duas universidades.

Irene: Isso mesmo Rai! Não só esse episódio, mas toda essa temporada pode interessar quem tem vontade de saber mais sobre Antropologia e sobre o que estudantes de graduação, como nós, já estamos produzindo!

Raissa: No episódio de hoje, conheceremos um pouco de como foi a pesquisa da Renata Leal. O TCC dela foi intitulado “Psicanálise na Rua: notas de um encontro”, orientado pela professora Silvia Maria Ferreira Guimarães, na UnB. Vamos lá?

Sons urbanos, de trânsito, de movimento de pedestres pela rua

BLOCO ÚNICO (Entrevista, perguntas e respostas)

Irene: Bem-vinda Renata! Muito bom ter você aqui no MUNSA! Você poderia se apresentar pra gente e falar um pouco sobre o seu tema do seu TCC?

Renata: Olá quem me escuta, meu nome é Renata Leal. Eu sou formada em Ciências Sociais com habilitação em antropologia da Universidade de Brasília também licenciatura em Ciências Sociais. Então eu vou falar um pouco sobre o meu TCC. O título do meu TCC é Psicanálise na Rua: notas de um encontro. Então o que é o psicanálise na rua, é um grupo de mais ou menos 20 psicanalistas que resolveram desafiar a elitização histórica da psicanálise os canais historicamente né, a psicanálise historicamente. Acho que todo mundo tem um pouco essa visão no senso comum de que a psicanálise é uma coisa de gente rica porque realmente, com poucas exceções, ela tem sido feita por e para pessoas de classe média alta. Então para se ter acesso ao consultório particular de psicanalistas, precisa geralmente pagar bastante caro e as classes populares estavam então excluídas do acesso a esse espaço, e então a essa relação entre um psicanalista ou analisando. Então o que esse grupo resolveu fazer foi atender de forma gratuita na rua quem quer que passasse, que quisesse ser escutado, quem quisesse falar a um psicanalista. Então duas vezes na semana esse grupo aparecia na rodoviária e no CONIC, que são dois prédios de Brasília bastante frequentados pelas classes populares. Eles se sentavam ali [risos] no meio da rua [risos] em cadeirinhas de praia coloridas, e mantinham algumas cadeiras vazias para quem quisesse falar pudesse sentar e ser escutado por um psicanalista.

Raissa: O CONIC, para quem não sabe, é o nome de um dos prédios, o que fica na extremidade norte, de frente para a Esplanada e bem pertinho da rodoviária, bem no centro de Brasília. É um espaço de travessia de muitas pessoas, muito estigmatizado pelas elites e marginalizado.

Renata: Então o tema geral do meu TCC foi o encontro entre a psicanálise e a rua, como que a psicanálise que é historicamente restrita às classes médias altas iria se transformar para ser capaz de escutar esses sujeitos que não são essas pessoas que ela já tem escutado ao longo das décadas. Então são esses sujeitos com outras trajetórias, outros tipos de história, pessoas em situação de rua, empregadas domésticas, ambulantes... então como que essas pessoas que não foram olhadas pela psicanálise, e toda aquela intensidade da rua né, iria transformar essa terapia, essa forma de ouvir e tratar o sofrimento. E por outro lado, como é que a psicanálise, a presença dessa análise dessas pessoas alienígenas ali sentadas no meio da correria da rua, falando sobre suas dores, sendo escutadas e escutando... como que essa presença ali desse grupo de pessoas iria transformar aquele espaço. Então, que impacto que a presença da psicanálise ali teria sobre aquele contexto. Esse foi o tema Geral do meu TCC.

Raissa: Superinteressante, Renata! Escolher o CONIC e a Rodoviária como lugares de atendimento, evidencia a proposta de democratização da psicanálise por meio da ocupação dos espaços públicos. Mas e então Renata, como foi que você escolheu o tema do seu TCC e também a sua orientadora?

Renata: Na época em que eu escolhi o tema eu tava cursando Ciências Sociais na UnB e Psicologia em uma faculdade privada de Brasília, então eu sempre tive muito interesse por psicologia e sempre quis achar uma forma de articular psicologia e Ciências Sociais nas minhas pesquisas, enfim. E aí eu me deparei com esse coletivo e foi muito natural o meu interesse te entender melhor, de investigar como isso iria acontecer, como é que eles iriam fazer para levar a psicanálise, para democratizar a psicanálise, e como ela seria recebida principalmente né. Então a orientação, eu fiquei um tempo sem saber por qual olhar eu iria trabalhar esse tema e a orientação que eu escolhi foi a professora Silvia Guimarães, do departamento de antropologia, da área da antropologia da Saúde e foi realmente por uma afinidade muito grande com ela mesmo, com a pessoa dela. E também porque ela tinha um projeto de pesquisa sobre terapeutas populares, que apesar de ser um pouco forçação né, dizer que os psicanalistas ali são terapeutas populares, que não é exatamente esse o sentido que ela usa no projeto dela sobre terapeutas populares né, eu resolvi então começar um PIBIC com ela nesse projeto mais amplo que ela tinha né. E ela topou muito gentilmente apesar de não ter muito interesse por psicanálise, mas foi uma movimentação super bacana assim.

Irene: Ah, que legal! E como foi o seu processo de escrita?

Renata: Eu comecei o campo em março de 2018, que foi quando o Psicanálise na Rua começou a atender e eu só entreguei a monografia em março de 2020, então foram dois anos de um longo processo entre campo e escrita. Muitas tardes, muitos fins de semana na biblioteca da UnB e foi bastante caótico, o processo, mas também tiveram muitos momentos de alegria. Não foi nada linear, tinha momentos que eu realmente pensava que eu não iria conseguir terminar, que não fazia sentido o que eu estava escrevendo..., mas sempre passa né, esses momentos. De alguma forma, se você persiste, o negócio vai acontecendo né. Daí em fevereiro de 2020 eu fui trabalhar em Manaus, com um tema totalmente diferente e isso foi muito bom também para permitir um respiro daquele universo. Então eu levava o computador para o trabalho e eu escrevia nos intervalos do almoço e eu terminei a monografia lá na Amazônia, tomando açaí [risos]. E ele acabou ficando com 123 páginas, eu achava que eu não tinha muito o que quer dizer, que não iria nem chegar a 30 páginas, mas isso eu acho que em geral acontece, mas quando você vai e coloca no papel, você vê que tem um monte a dizer.

Irene: Renata você pode contar pra gente algumas estratégias?

Renata: Eu acho que eu posso listar como minhas estratégias a minha análise pessoal né, fazer terapia foi muito útil para lidar com o sofrimento da escrita mesmo, com as angústias. Foi muito útil para entender a minha relação com o tema né, porque além de pesquisar o trabalho do coletivo eu participava né do coletivo. Eu fazia o trabalho de acolhimento ali das pessoas que estavam chegando e ficava segurando a placa que dizia “psicanálise na rua: atendimentos gratuitos”, e eu recebia quem se interessava né, os passantes que ficavam curiosos e então foi um trabalho que me mobilizou muito afetivamente. Eu escutei muitas pessoas lá também nesse lugar de acolhimento e foi fundamental assim ter esse espaço da minha análise para poder falar sobre minha implicação com o tema, que afeta totalmente a forma que a gente escolhe escrever né e as nossas estratégias de Campo, como a gente se relaciona afetivamente com o tema. Daí também foi muito útil apresentar o trabalho em pequenos artigos no formato mais de um PIBIC em congressos, eu acho que apresentei umas quatro

vezes, e foi muito útil ouvir as respostas das pessoas. Eu descobri muitos autores e tive muitos insights. E tem também uma estratégia que eu chamo de rascunhos zoados, que eu usei bastante na escrita assim que é principalmente útil para momentos de procrastinação ou bloqueio criativo. Você abre o documento e você se propõe não a escrever a monografia, aquelas coisas sérias, solenes, mas você se propõe a escrever um rascunho zoadado. Você escreve de uma maneira livre, bem simples, cheia de erros mesmo. Isso é muito útil assim para desbloquear as ideias. Depois você faz as correções necessárias, mas assim, para voltar a fluir essa técnica é muito útil.

Raissa: Achei super divertido o nome “Rascunhos Zoados” que você deu pra uma das suas estratégias de escrita! Conta pra gente então, quais foram os seus principais resultados com essa pesquisa super legal?

Renata: É difícil falar dos resultados da pesquisa porque eu acho que ela produziu mais perguntas do que respostas. Mas eu acho que o principal resultado que eu pude tirar daqui é que a psicanálise pode sim se adaptar um contexto de rua, um contexto popular né, e que ela é permeável, flexível, maleável, a novas formas de uso, e ela pode se transformar para ser capaz de ouvir o sofrimento de quem tá, seja pela sua classe, seja pela sua raça, seu gênero, sofrendo de forma muito específica né. É um sofrimento que não diz respeito somente à história pessoal daquela pessoa mas todo um sistema social e ao lugar que ela ocupa lá dentro. É o que, em algum momento da monografia, eu chamei de sofrimento sociopolítico, na verdade isso não é um tema meu, mas é um tema que se usa nessa psicanálise que se propõe a ser um pouco mais engajada né. E eu pude perceber que a psicanálise pode sim escutar esse tipo de sofrimento sociopolítico e que ela pode sim ser um recurso de saúde para quem sofre com ele. Eu também chego à conclusão, bem no final da monografia, de que o principal caminho para que a psicanálise seja tomada por novas vozes, deixe de ser excludente, é que as formações em psicanálise também estejam disponíveis para as classes populares. Hoje em dia é ridiculamente caro fazer uma formação e se tornar um psicanalista, e aí algumas dessas iniciativas novas que estão surgindo de clínicas públicas, estão começando a falar sobre oferecer formação em psicanálise, para que sejam disponíveis para as classes populares, que se formem efetivamente psicanalistas populares. É assim que essa disciplina vai se renovar, é assim que eu vejo né, e ser capaz de atender melhor às necessidades do nosso tempo.

FECHAMENTO

Música: “Mudernage” da Ellen Oléria

Irene: Bom, é isso pessoal! Eu também achei muito legal a expressão rascunhos zoados que a Renata criou! E também é muito interessante o quanto a Antropologia pode ter uma grande interdisciplinaridade, nesse caso um diálogo com a Psicologia, né.

Raissa: Eu achei demais! Gostei muito de ouvir a Renata falar que a produção do TCC dela começou com um projeto de PIBIC, que ela apresentou em congressos acadêmicos e depois escreveu o texto final com esse grupo maravilhoso do Psicanálise na Rua. É muito importante a luta de democratização da psicanálise, evidenciando que a saúde é e deve ser para todos. Eu já visitei algumas vezes o Psicanálise na Rua, eles são um grupo muito querido, super simpáticos, e eu realmente recomendo que qualquer pessoa que queira ser ouvida e fazer uma análise, vá lá. Você não vai se arrepender. No mais, quero agradecer aqui a Renata Leal por ter participado e conversado comigo para que pudessemos fazer o episódio. Agradeço também a toda a equipe do Mundaréu por sempre me ajudar

nas atividades do projeto e me fazer rir nessa quarentena. Agradeço também às queridas coordenadoras, Soraya Fleischer e Daniela Manica, e também à minha mãe e a minha namorada Terê que sempre me apoiam!

Irene: Esperamos demais que vocês tenham gostado! Lembrando que o Mundaréu e o Mundo na Sala de Aula são uma parceria entre o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp e o Departamento de Antropologia da UnB. Agradecemos a essas instituições pelo apoio e incentivo de sempre.

Raissa: Obrigada, pessoal! Até a próxima!

Irene: Nos escutam por aí!

[fim da música]